

Dr. Robert Vannoy , Samuels, Aula 2

© 2011, Dr. Robert Vannoy e Ted Hildebrandt

Como observamos no final da nossa última sessão, a realeza solicitada pelo povo de Israel era uma negação da aliança e uma rejeição de Yahweh, que era seu Rei. Mas quando Samuel deu a Israel um rei por ordem do Senhor, ele o fez de uma maneira que seria consistente com a aliança e integraria a realeza humana na estrutura da teocracia. A primeira dica disso é encontrada na cerimônia em Mispá , onde Saul foi publicamente escolhido por sorteio para ser o primeiro rei de Israel. Encontramos a cerimônia de Mispá descrita em 1 Samuel 10:17-27. Nessa passagem, depois que a sorte caiu sobre Saul, ele foi apresentado à assembleia reunida por Samuel como aquele que o Senhor havia escolhido para ser seu rei. Saul era uma figura imponente de estatura real. Ele era mais alto do que qualquer outra pessoa na assembleia (versículo 23). Ele foi imediatamente saudado com entusiasmo pelo povo que gritou: "Viva o Rei!" (versículo 24). Esse era exatamente o tipo de rei que eles queriam. Samuel, porém, não queria que o povo pensasse que só porque lhes foi dado um rei isso significava que seu rei governaria da mesma forma que os reis das nações vizinhas.

Então Samuel foi muito cuidadoso em explicar a eles o que é denominado no texto de regulamentos da realeza - mais literalmente, a maneira do reino. 1 Samuel 10:25 onde você lê na tradução NIV, "Samuel explicou ao povo os regulamentos da realeza". Ao fazer isso, Samuel deu um primeiro passo para resolver as tensões entre o desejo pecaminoso das pessoas por um rei e a aquiescência do Senhor ao seu pedido. Infelizmente, nenhuma cópia dos regulamentos escritos que Samuel depositou no santuário sobreviveu. Você lê no versículo 25b, "Ele os escreveu em um rolo e os depositou diante do Senhor". Qualquer que tenha sido o conteúdo preciso desses regulamentos, parece claro que eles teriam sido uma descrição mais completa dos deveres e responsabilidades dos reis israelitas que Moisés havia dado em Deuteronômio 17:14-20 - uma passagem que é frequentemente chamada de "Lei do Rei". E certamente eles teriam estabelecido a realeza no que poderia ser descrito como um monarca constitucional. Em outras palavras, os reis de Israel não teriam poder autônomo. Eles sempre estariam

sujeitos às leis da aliança do Sinai e às palavras dos profetas. A realza em Israel seria integrada à estrutura da aliança da teocracia. Seria consistente com a soberania contínua do Senhor sobre a nação e tinha a intenção de servir como um veículo para o governo do Senhor sobre seu povo. Depois de ser publicamente designado como aquele a quem o Senhor havia escolhido para ser rei, Saul retornou para sua casa em Gibeá . Lemos sobre isso em 1 Samuel 10:26. Saul foi para sua casa em Gibeá . E continuou a trabalhar nos campos como fazia antes. No capítulo 11, versículo 5, descobrimos que Saul estava retornando dos campos atrás de seus bois quando mensageiros vieram lhe contar sobre a ameaça amonita. Então ele retornou para sua casa e retomou seu trabalho como antes.

A designação de Saul como rei eleito pela unção privada em 1 Samuel 9:1-10:16, e então por essa seleção pública por sorteio em 1 Samuel 10:17-27 representou o primeiro estágio em um processo de três estágios pelo qual a monarquia foi colocada em operação em Israel. O processo de três estágios envolveu a designação: ele foi ungido, ele foi selecionado por sorteio, que então envolveu a confirmação, e finalmente a inauguração. 1 Samuel 11 descreve a segunda e terceira fases. Saul foi designado como rei eleito, mas é em 11 com a vitória de Saul sobre os amonitas que você encontra a confirmação de sua nomeação para o cargo real, e isso está registrado em 1 Samuel 11:1-13, e isso levou imediatamente à sua inauguração como rei em uma cerimônia de renovação da aliança realizada em Gilgal convocada por Samuel e descrita em 11:14 até o final do capítulo 12, versículo 25.

Quando Naás, o amonita, atacou e sitiou Jabesh- Gileade, uma cidade localizada na região nordeste de Israel, os anciãos de Jabesh- Gileade enviaram mensageiros a Saul em sua casa em Gibeá pedindo ajuda. Ao saber da crise que Jabesh- Gileade enfrentava, lemos em 1 Samuel 11:6 que o espírito de Deus se apressou sobre Saul, ele queimou de raiva, ele convocou os homens de combate de Judá e Israel para se reunirem em Bezeque , um lugar no norte de Israel a cerca de 17 milhas diretamente a oeste de Jabesh- Gileade. E ele os convocou enviando pedaços desmembrados de dois bois pela terra junto com a mensagem de que os bois daqueles que não responderam ao chamado enviado por

Samuel e ele próprio receberiam o mesmo tratamento. O resultado foi que 330.000 homens de combate rapidamente se reuniram em Bezeque . A ira de Saul e sua ação resultante motivada pelo Espírito de Deus o capacitaram a se levantar para defender a honra do Senhor e seu povo Israel e essa obra do Espírito de Deus em Saul foi acompanhada por Deus causando medo sobre aqueles a quem a convocação foi enviada para que eles a considerassem como algo que não ousassem ignorar, lemos isso no versículo 7b. Saul enviou uma mensagem de volta a Jabesh com a garantia de que até o meio do dia seguinte, a cidade seria libertada da ameaça amonita, lemos isso em 1 Samuel 11:9. Ao receber essas boas novas, os líderes de Jabesh habilmente disseram a Naás que no dia seguinte eles "iriam até ele" implicando, mas não dizendo literalmente, que eles se renderiam; agora eu digo isso ao contrário da tradução NIV que usa a palavra "render-se", mas não está no texto original. Mas eles disseram que sairíamos até você, e que então ele poderia fazer com eles o que quisesse (versículo 10). Mas durante a noite, Saul liderou suas forças em um ataque surpresa contra o acampamento amonita, e ao meio-dia do dia seguinte as forças amonitas já tinham sido mortas ou expulsas. E o Senhor deu a Samuel uma vitória retumbante sobre os amonitas.

Quando algumas pessoas exigiram que aqueles que questionaram se Saul era apto para ser rei, o que aconteceu após a seleção pública de Mispá por sorteio, fossem reunidos e mortos. Saul declarou que ninguém seria morto porque, ele disse, não era ele, mas o Senhor que havia libertado Israel (versículo 11, capítulo 13), Saul disse: “Ninguém será morto hoje, pois neste dia Yahweh resgatou Israel.” A resposta de Saul naquele ponto mostra uma percepção clara da verdadeira natureza da realeza da aliança. A segurança de Israel não se baseava na existência ou desempenho de um rei humano. Ela se baseava na graça e nas promessas de um Deus que guardava a aliança. Saul discerniu corretamente que foi o Senhor que deu a Israel sua vitória sobre os amonitas. Então a vitória de Israel sobre os amonitas sob a liderança de Saul forneceu uma confirmação clara de sua nomeação para o cargo real, e levou à inauguração de seu reinado, e isso é descrito em I Samuel 11:14-12:25. Aqui o impressionante é que quando Samuel convocou todo o Israel para vir a Gilgal para inaugurar o reinado de Saul, ele o fez em

uma cerimônia na qual a realeza foi estabelecida no cenário de uma reafirmação de lealdade a Ya hweh. Isso nos leva à consideração da proposição de que a realeza, conforme instituída por Samuel, era consistente com a aliança. Lembre-se, a realeza, conforme solicitada por Saul, era uma negação da aliança. Agora descobrimos que a realeza, conforme instituída por Samuel, era consistente com a aliança. Com base na confissão de Saul, o crédito pela vitória sobre os amonitas deveria ser dado ao Senhor e não a ele mesmo.

Samuel convocou uma assembleia para ser realizada em Gilgal a fim de citar, "renovar o reino". I Samuel 11:14, "Vamos a Gilgal e renovemos o reino". Muitas vezes se argumenta que o reino que Samuel queria renovar era o reino de Saul. Esse entendimento, no entanto, eu acho que levanta uma série de questões, não sendo a menor delas a questão de como o reino de Saul poderia ser renovado se ele ainda não tivesse começado seu reinado. Após a assembleia de Mispá, Saul voltou para sua casa em Gibeá e voltou a trabalhar nos campos (I Samuel 11:5). Ele não havia oficialmente começado seu reinado como rei. Na verdade, fazer Saul rei, que estava inaugurando seu reinado, era uma das coisas que Samuel pretendia fazer na assembleia de Gilgal, como nos é dito no versículo 15. "Vamos a Gilgal e renovemos o reino". Você lê no versículo 15: "Eles foram a Gilgal e fizeram Saul rei na presença do Senhor".

Entre as análises históricas de origem e tradição da sequência de eventos em I Samuel 9-11, a conclusão mais comum tem sido ver a frase “Vamos a Gilgal e renovamos o reino” e 11:14 como uma inserção redacional ou editorial que tentou transformar a tradição de Saul se tornando rei por aclamação após a vitória sobre os amonitas, descrita em I Samuel 11, para transformar isso em uma renovação de seu reinado. Por que fazer isso? Para harmonizar essa tradição de Gilgal com a tradição supostamente conflitante de que ele se tornou rei após ser selecionado por sorteio em uma assembleia em Mispá em 10:17-27. Em outras palavras, a ideia é que você tem duas tradições conflitantes sobre como Saul realmente se tornou rei, e um editor tentou harmonizar essas duas transformando uma em uma renovação. BC Birch dá um resumo

representativo dessa posição quando diz: “A maioria dos estudiosos considerou esse versículo, 11:14, como a evidência mais clara de atividade redacional neste capítulo, e parece haver pouca razão para desafiar essa conclusão. Parece claro que um editor, no processo de ordenar as tradições como as temos agora, tentou harmonizar uma duplicação aparente.” Saul já se tornou rei em 10:24 . Então a instância em 11:15 foi transformada em uma “renovação”. Se, no entanto, você entende a palavra “reino” nesta frase como uma referência ao reino de Saul, é difícil, embora talvez não impossível, explicar como o reino de Saul poderia ser renovado se ele ainda não tivesse sido feito rei (versículo 15). Portanto, é preferível, eu acho, entender “reino” nesta frase não como uma referência ao reino de Saul, mas sim como uma referência ao reino de Yahweh.

Agora eu poderia fazer um comentário aqui sobre a tradução da NIV. Se você ler este versículo na NIV, eu acho que a NIV tentou amenizar o problema nestes dois versículos traduzindo a palavra hebraica *hadash* , que significa "renovar" como "reafirmar a realeza" em vez de "renovar a realeza". A NIV diz: "Samuel disse ao povo, vamos a Gilgal e reafirmemos a realeza". E eles também traduziram no versículo 15: "Então todo o povo foi a Gilgal e fez Saul rei", eles traduziram como "confirmar Saul como rei". No entanto, a palavra ali significa "inaugurar o reinado de um rei". Há 49 ocorrências do Hiphil , da forma verbal ali, e em todos os casos eles não querem dizer "confirmar o reinado do rei", eles querem dizer "fazer alguém rei". A TNIV, Today's New International Version, melhorou a tradução da NIV deste versículo, e diz: “Vamos a Gilgal e lá renovaremos o reinado.” Eles usam a palavra “renovar” em vez de “reafirmar”. Então, todo o povo foi a Gilgal e fez Saul rei, em vez de reafirmar o reinado. Então, dependendo da tradução que você ler, você pode não entender o ponto principal do que está acontecendo nesses dois versículos muito importantes (I Samuel 11:14-15).

Mas como eu disse antes, à parte, acho que é preferível entender “reino” nesta frase, “Vamos a Gilgal e renovemos o reino”, como uma referência ao reino de Yahweh . Na verdade, quando você olha para tudo o que está acontecendo em I Samuel 8-12, a rejeição de Israel à realeza de Yahweh é a questão central que percorre toda a I Samuel 8-12. Quando Israel pede um rei humano, eles rejeitaram o Senhor, que era seu rei. É

explícito em 8:7, 10:19, 12:12, a rejeição da realeza do Senhor subverteu o relacionamento de aliança entre o Senhor e seu povo que havia sido estabelecido no Sinai. Apesar dessa maldade, como é denominada, da parte de Israel, I Samuel 12:17 e 19, o Senhor, em sua graça e misericórdia, disse a Samuel para dar ao povo um rei. Então, agora que chegou o momento da posse de Saul, Samuel decidiu realizá-la em uma cerimônia que não apenas inaugurou o reinado de Saul, mas também, e eu diria que ainda mais importante, restaurou o relacionamento de aliança quebrado entre o Senhor e seu povo.

O que acontece de forma significativa em 1 Samuel 11:14 a 12:25 é que a realeza em Israel é estabelecida no contexto da renovação da aliança. É somente em conexão com a afirmação de Israel de seu reconhecimento contínuo do Senhor como seu Rei divino que a realeza humana pode assumir seu lugar apropriado na estrutura da teocracia. Então 1 Samuel 11:14-15 introduz e resume brevemente as transações da assembleia de Gilgal . Um relato muito mais detalhado da mesma assembleia é dado em 1 Samuel 12, a totalidade do capítulo, versículos 1-25. Se você comparar essas duas unidades literárias, talvez originalmente independentes, 1 Samuel 11:14-15 e 1 Samuel 12:1-25, acho que você descobrirá que ambas as unidades revelam concordância em suas principais ênfases. Elas descrevem a assembleia de Gilgal de perspectivas ligeiramente diferentes, mas a visão completa da atenção em ambas é esta: Um, transição na liderança; e dois, restauração da comunhão da aliança após a revogação da aliança.

Em 1 Samuel 11:14-15, a transição na ideia de liderança é vista na referência à inauguração de Saul. Eles fizeram Saul rei (versículo 15). A restauração da comunhão da aliança após o tema da ab-rogação da aliança é vista na referência ao sacrifício de ofertas pacíficas, mencionado no versículo 15, e a alegria do povo. Literalmente, o povo se alegrou grandemente.

No capítulo 12, a transição no tema da liderança é vista no testemunho que Samuel dá de sua própria fidelidade à aliança durante sua liderança passada da nação, bem como sua função profética contínua na nova estrutura da teocracia, à medida que a realeza

humana assume um lugar legítimo na estruturação da teocracia. A restauração da comunhão da aliança após o tema da ab-rogação da aliança se concentra na demonstração legal de Samuel da apostasia de Israel ao solicitar um rei (isso está nos versículos 6-12), e então na confissão de Israel sobre sua pecaminosidade em seu desejo injustamente motivado por um rei, e isso é descrito nos versículos 16-22.

Em ambas as passagens, 11:14-15 e 12:1-25, o propósito principal da assembleia é a renovação da fidelidade a Yahweh. Esse propósito é muito mais proeminente na descrição detalhada da assembleia de Gilgal no capítulo 12 do que a inauguração de Saul. Sim, a inauguração de Saul como rei é mencionada em ambas as passagens, mas isso acontece apenas em conexão com a reafirmação de um reconhecimento contínuo de Yahweh como o verdadeiro soberano de Israel. E você encontra isso realmente focado naquela declaração, "Vamos a Gilgal , e renovemos o reino, o reino de Yahweh" em 11:14, e então em 12:14-15. É essa perspectiva que explica como Samuel pôde dizer, "Venham, vamos a Gilgal para renovar o reino", quando na verdade esta é a mesma cerimônia na qual Saul seria feito rei. A renovação do reino não é a renovação do reino de Saul; é a renovação do relacionamento de aliança com Yahweh. Quando 1 Samuel 11:14-15 é interpretado dessa forma e diretamente vinculado ao foco da aliança de 1 Samuel 12, fica claro que a principal preocupação de Samuel na assembleia de Gilgal era garantir a continuidade da aliança durante essa importante reestruturação da teocracia, bem como a transição da liderança da nação dele para Saul.

Esta não é a primeira vez que a renovação da aliança é vinculada à transição na liderança. Quando a morte de Moisés era iminente, ele liderou Israel em uma renovação da aliança nas planícies de Moabe. O propósito era garantir a continuidade da aliança por meio da transição de sua liderança para a de Josué. E esse, de fato, é um dos principais temas do livro de Deuteronômio. A transição da liderança, você pode chamar de sucessão dinástica, de Moisés para Josué, mas colocada no contexto da renovação da lealdade a Yahweh. Quando Josué estava velho, bem e avançado em anos, ele convocou uma assembleia em Siquém (Josué 24). Na qual, Israel foi desafiado a renovar seu

compromisso com Yahweh ao entrar no período dos juízes. Então, novamente, a renovação da aliança é uma transição importante na liderança da nação.

1 Samuel 11:14-12:25 descreve a próxima mudança significativa na liderança da nação, porque esta ação na assembleia de Gilgal marca o fim do período dos juízes e o início de uma estrutura inteiramente nova da teocracia - o período do reino. E aqui novamente, a continuidade da aliança, através de um período de transição na liderança, é algo extremamente importante. A realeza humana agora se tornará um instrumento do governo do Senhor sobre seu povo. Este é o início do período do reino no antigo Israel. E logo em seu início, a realeza é integrada à aliança. Deste ponto em diante, a realeza e a aliança serão inseparáveis. A aliança fornecerá a norma para a realeza, e a realeza funcionará como uma característica integral da administração da aliança.

Agora, vamos dar uma olhada mais de perto na descrição detalhada desta cerimônia de renovação da aliança realizada em Gilgal que encontramos no capítulo 12 de 1 Samuel versículos 1-25. Aqui encontramos uma descrição da cerimônia na qual Samuel desafia Israel a renovar sua lealdade a Yahweh na ocasião da introdução da realeza na estrutura da teocracia. Quando Samuel apresentou Saul ao povo como seu rei recém-empossado, a primeira coisa que ele fez foi garantir do povo uma vindicação judicial de sua própria fidelidade à aliança durante a conduta anterior de seu ofício como líder espiritual e civil da nação. Encontramos isso nos versículos 3-5. As implicações desta vindicação não são apenas que a liderança de Samuel tem sido o tipo de liderança que um rei recém-empossado deve procurar imitar, mas também que a integridade passada de Samuel fornece uma base sólida para a confiança futura em seu papel contínuo como profeta e líder espiritual da nação.

Algumas pessoas deram um título a 1 Samuel 12 como “discurso de despedida de Samuel”. Não é um discurso de despedida. Ele terá uma função contínua muito importante na teocracia. Mas Samuel, somos informados nesses primeiros versículos, não usou sua posição de liderança para nenhuma vantagem pessoal. Ele não obstruiu ou perverteu a justiça e, mais particularmente, ele não “tomou” do povo. Você se lembra

daquele aviso em 1 Samuel 8 de que um rei como as nações “tomaria”. Lemos aqui que Samuel não tomou, ele não defraudou ninguém, ele não oprimiu ninguém, ele não aceitou suborno. Sua liderança tem sido uma liderança que tem sido totalmente consistente com os requisitos da lei da aliança. Ele desempenhou seus deveres ao longo de sua vida como um verdadeiro servo do Senhor e do povo do Senhor .

Nos versículos 6 a 12, Samuel se volta do caráter de sua própria liderança anterior da nação para a questão do pedido do povo por um rei. Samuel viu o pedido deles como um ato de quebra de aliança e uma séria apostasia. Depois de afirmar a primazia de Yahweh no estabelecimento da nação, você lê no versículo 6, Samuel disse: “Foi o Senhor quem designou Moisés e Arão e tirou seus antepassados do Egito.” E depois de afirmar que Samuel iniciou o segundo precedente legal da assembleia de Gilgal nos versículos 7-12. E ao contrário do que você poderia esperar, Samuel não fez do comportamento do povo ao solicitar um rei o foco inicial de atenção. Em vez disso, ele usou o escrutínio judicial dos atos justos de Yahweh como um contraste para iluminar sua conduta perversa e, portanto, como um instrumento para sua acusação. Você lê no versículo 7, Samuel diz: "Agora, então, fique aqui porque eu vou confrontá-lo com evidências diante do Senhor quanto a todos os atos justos realizados por você e seus pais (essa é a tradução da NIV). Mais literalmente, é: "fique aqui porque eu vou entrar em procedimentos legais com você diante do Senhor".

O resumo dos atos justos do Senhor nos versículos 8-11 é projetado para enfatizar a constância da fidelidade da aliança do Senhor para com seu povo em sua história passada. Em contraste com sua própria infidelidade. Foi o Senhor quem libertou Israel do Egito. Ele lhes deu a terra de Canaã. Mas Israel repetidamente se afastou do Senhor para a idolatria.

É significativo que Samuel tenha colocado seu próprio nome na lista de libertadores que o Senhor havia enviado. Ele faz isso no versículo 11 porque, ao fazê-lo, ele traz esse resumo histórico dos poderosos atos justos do Senhor até o ponto no tempo em que o povo expressou seu desejo de ter um rei como as nações ao redor. É claro que, mesmo na história recente de Israel, o Senhor continuou a prover sua segurança. No

capítulo 7 de 1 Samuel, é Samuel quem liderou os israelitas sobre os filisteus quando o povo se arrependeu e se afastou de seus ídolos e retornou ao Senhor.

O clímax do resumo histórico de Samuel é encontrado no versículo 12, onde o desejo do povo por um rei para encontrar libertação da ameaça de Naás, o amonita, é explicitamente representado como uma rejeição da realeza de Yahweh, e, portanto, a última de uma longa série de apostasias. Você lê no versículo 12, Samuel diz: "Quando você viu que Naás, o rei dos amonitas, estava se movendo contra você, você me disse: 'Não, queremos um rei para governar sobre nós', embora o Senhor, seu Deus, fosse seu rei." No versículo 13, Samuel apresentou Saul ao povo e enfatizou que foi o Senhor quem lhes deu um rei. Aqui está a declaração positiva. Versículo 13, "Agora aqui está o rei que vocês escolheram, aquele que vocês pediram, vejam o Senhor pôs um rei sobre vocês. Estava nos propósitos eternos de Deus que Israel tivesse um rei. Então, apesar da apostasia de Israel, era o desejo do Senhor dar a Israel um rei. A realeza daquele dia em diante foi planejada para funcionar como um instrumento do governo do Senhor sobre seu povo.

Isso nos leva aos versículos 14 e 15. Os versículos 14 e 15 são importantes. Aqui Samuel confronta Israel com sua obrigação contínua de lealdade completa e total a Yahweh. Agora que a realeza humana está sendo integrada à estrutura da teocracia. Acho que se você olhar os versículos 14 e 15, você os encontrará em termos que você pode chamar no formulário da aliança, a obrigação fundamental básica que Israel tem para com Yahweh. Esses versículos representam a estipulação básica da aliança do Sinai. E Samuel coloca essa estipulação básica aqui na terminologia condicional "se" para confrontar o povo com as alternativas agora abertas a eles ao entrarem nesta nova era da monarquia. A obediência ou desobediência a essa estipulação básica determinará se Israel experimentará a bênção ou a maldição de Deus em sua vida futura como nação.

Agora isso nos leva a uma questão de tradução no versículo 14. Há muito tempo há um consenso geral de intérpretes de que o versículo 14 tem uma prótase que é a cláusula subordinada que expressa a condição na frase condicional, mas não tem uma

apódose. E a tradução geralmente adotada para o versículo 14 é semelhante àquela que você encontrará na Revised Standard Version, bem como na NIV e diz o seguinte: "Se você temer ao Senhor e servir e ouvir a sua voz e não se rebelar contra o mandamento do Senhor e se você e o rei que reina sobre você seguirem o Senhor seu Deus, tudo ficará bem" é o que a RSV diz. A NIV tem apenas a palavra "bom". Se você fizer todas essas coisas bem. Agora, a última frase "será bem ou bom ", não ocorre no texto massorético na Bíblia hebraica e tem que ser adicionada para completar a frase se você tiver a prótase e nenhuma apódose. Essa tradução de 1 Samuel 12:14 contrasta com a tradução da King James Version, a New American Standard Version, o texto da segunda edição da New Living Translation, que todas têm em sua tradução o que é realmente legítimo no texto hebraico, que é que há uma prótase e uma apódose, ambas. E o versículo quebra no meio geralmente com a tradução do hebraico ali com um "então". Então, ele lê desta forma. "Se você temer ao Senhor e servi-lo e ouvir a sua voz e não se rebelar contra o mandamento do Senhor [protase], então [você começa a apódose] tanto você quanto o rei que reina sobre você seguirão o Senhor seu Deus."

HP Smith, um comentarista de Primeiro e Segundo Samuel, argumentou há muito tempo e suas conclusões foram seguidas até hoje por muitos, que começar a apodose no meio do versículo com “então” [como a King James e a NASB etc. fazem] é gramaticalmente a coisa certa a fazer.” No entanto, Smith afirma que fazer isso produz uma redundância porque “faz uma proposição idêntica”. “Se você teme a Yahweh etc., então você seguirá a Yahweh.” Quando se compara a estrutura do versículo 14 com a do versículo 15, no entanto, fica claro que a apodose começa com “então” no meio do versículo, pois é a mesma estrutura no versículo 15. A interpretação de Smith depende de sua compreensão da última frase: “Então você seguirá a Yahweh”, ou mais literalmente, “você estará após Yahweh”. O que isso significa? Se você teme a Yahweh, então você seguirá a Yahweh. Se você teme a Yahweh, você o serve, ouve sua voz, não se rebela contra Deus, então você seguirá a Yahweh ou estará atrás de Yahweh. Essa frase ocorre em formulação idêntica em vários outros lugares no Antigo Testamento, incluindo 2 Samuel 2:10, 15:13, 1 Reis 12:20, 1 Reis 16:21. Se você olhar para seu uso nesses outros

lugares, em cada um deles é usado para indicar que o povo de Israel ou um segmento do povo escolheu seguir um rei em particular em uma situação onde havia outra alternativa. Em 2 Samuel 2:10, a expressão se refere à decisão de Judá de seguir Davi enquanto Is-Bosete reinava sobre o restante da nação. E diz: "A casa de Judá, no entanto, seguiu", ou, estava "atrás de Davi". Em 1 Reis 12:20, Judá seguiu a casa de Davi em vez de Jeroboão na época da divisão do reino, onde você lê: "Somente a tribo de Judá permaneceu leal à casa de Davi", literalmente "estava atrás da casa de Davi". É a mesma redação de 1 Samuel 12:14.

Quando se entende a expressão dessa forma e se aplica à situação de Israel na época da assembleia de Gilgal, então se pode dizer que com a introdução da realeza humana na teocracia o que você criou é o potencial para lealdades divididas entre Yahweh e o rei humano. Isso se tornou um perigo muito real e potencial. Então o que Samuel faz? Ele pega a antiga aliança condicional que foi declarada muitas vezes por meio de Êxodo, Deuteronômio e Josué, e ela recebe uma nova dimensão. Samuel está desafiando o povo e seu rei recém-instalado a renovar sua determinação de obedecer a Yahweh e não se rebelar contra seus mandamentos e ouvir sua voz e servi-lo, etc. E ao fazer isso, demonstrar que eles continuam a reconhecer Yahweh como seu soberano. Literalmente, eles continuam "a seguir Yahweh".

Dado esse entendimento da frase, não é necessário, como Smith faz, concluir que a expressão "se temerdes a Yahweh, e lhe obedecerdes, ouvirdes a sua voz, e não vos rebelardes contra ele, então seguireis a Yahweh," é uma redundância, ou uma proposição idêntica. Em vez de uma redundância, esta é a expressão da aliança condicional nos termos da nova era que Israel estava entrando agora. Se Israel e seu novo rei temerem a Yahweh, e o servirem, e o obedecerem, e não se rebelarem contra seus comandos, eles mostrarão o quê? Que eles continuarão a reconhecer Yahweh como seu soberano. Mesmo que a realeza humana tenha sido introduzida na estrutura da teocracia. Em outras palavras, esses dois versículos estão dizendo que Israel não deve substituir sua lealdade a Yahweh pela lealdade a um governante humano caso haja um conflito entre os dois,

porque se Israel se rebelar contra o Senhor, como diz o versículo 15, então a mão do Senhor será contra ela assim como foi contra seus ancestrais desobedientes. Então, esses versículos estão dizendo de forma bastante incisiva, que Israel deve continuar a reconhecer Yahweh como seu soberano mesmo depois que a realeza foi introduzida na estrutura da teocracia. E o rei humano de Israel também deve reconhecer a soberania suprema de Yahweh sobre a nação.

Na análise final, isso significa que a expectativa de Israel de que um rei humano garantiria a segurança nacional era uma ideia fundamentalmente falha. Se Israel e seu rei não se submeterem em confiança e obediência ao Senhor, a monarquia não terá valor algum. Tudo ainda depende, assim como no passado, do relacionamento de Israel com Yahweh.

Nos versículos 16-22, o Senhor deu ao seu povo reunido trovões e chuva como um sinal do céu, a pedido de Samuel, para demonstrar que um relacionamento correto com o Senhor é a fonte do bem-estar da nação e para convencê-los da seriedade da apostasia em pedir um rei. Era a época da colheita do trigo, que é de meados de maio a meados de junho; uma época em que quase nunca chovia. O aparecimento repentino de trovões e chuva durante esta estação seca assustou o povo a reconhecer e confessar seu pecado em pedir um rei.

Deixe-me apenas inserir um aparte aqui: às vezes sugere que esse evento deve ser entendido não apenas como um sinal de autenticação, mas também como uma teofania. E qualquer que seja a posição que você possa tomar sobre essa questão, é claro que o povo entendeu que o trovão e a chuva não eram apenas uma atestação das palavras de Samuel, mas, ao mesmo tempo, uma revelação do poder de Deus. Então, embora a autenticação pareça ser a função primária do sinal, ela pode carregar a teofânica aspectos também, revelando algo da grandiosidade do poder do Senhor. Acho que é digno de nota que nesta ocasião, quando Israel está sendo desafiado a renovar sua lealdade a Yahweh, um sinal é dado que é semelhante ao que acompanhou o estabelecimento da aliança no Sinai quando houve “trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre a montanha”, Êxodo 19:16. É também um lembrete do que aconteceu em Mispá quando o Senhor trovejou contra os

filisteus, lançando-os em pânico para que fossem derrotados diante de Israel. Certamente foi uma demonstração de que o Senhor era e é o verdadeiro libertador de Israel. Samuel deu palavras de segurança ao povo então. Ele disse, “não tenham medo”, após a reação deles à demonstração do poder de Deus, e então os admoestou a adorar o Senhor de todo o coração e não se desviarem de segui-lo. Essa é a mesma formulação, para voltar ao versículo 14. Eles deveriam estar atrás do Senhor, para continuar a reconhecê-lo como seu soberano.

O versículo 20 diz: “Não tenham medo, disse Samuel, vocês fizeram todo esse mal, mas não se afastem do Senhor. Mas sirvam ao Senhor de todo o coração.” Essa declaração, em poucas palavras, é a obrigação fundamental do relacionamento de aliança. Aqui, Samuel traz ao foco a questão central na controvérsia em torno do estabelecimento da realeza em Israel. O mal não era a realeza em si, mas sim se afastar de seguir o Senhor. A obrigação suprema dos filhos de Israel não mudou com o estabelecimento da monarquia.

O dever deles agora, como sempre foi, era seguir o Senhor, que era adorar o Senhor de todo o coração. As alternativas para Israel são claras. Versículo 21: “Não se afastem nem sigam ídolos inúteis (literalmente, nada). Eles não podem fazer bem a vocês nem podem resgatá-los porque são inúteis.” Eles poderiam seguir o Senhor e encontrar prosperidade e segurança, ou poderiam seguir, estar atrás do “nada.” de qualquer coisa que se exaltasse contra o Senhor. O que eu acho que Samuel está dizendo aqui é que Israel não deveria seguir nada que subvertesse ou substituísse sua adoração ao Senhor, seja uma pessoa, um rei, uma nação, um deus, um ídolo, qualquer coisa! Pois seguir alguém ou qualquer coisa em detrimento do Senhor era seguir um nada e um nada não pode livrá-lo.

Samuel seguiu essa advertência com uma reafirmação da maravilhosa promessa de que o Senhor nunca abandonaria seu povo. Por causa de seu grande nome, o Senhor não rejeitará seu povo porque o Senhor teve o prazer de fazer de vocês seus. Então, nos versículos 23-25, Samuel descreveu sua própria função contínua na nova ordem da

teocracia, que está no versículo 23, e ele conclui suas observações com uma repetição da obrigação central da aliança de Israel, que é o versículo 24, seguido pela ameaça de maldição da aliança se Israel apostatar no versículo 25. A declaração de Samuel no versículo 23 é uma indicação clara de que ele não pretendia se retirar de seu papel como líder nacional. Este não foi seu "discurso de despedida". O versículo 23 diz: "Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vocês, e eu lhes ensinarei o caminho que é bom e direito." Samuel continuaria não apenas a interceder pelo povo, uma função sacerdotal, mas os instruiria em suas obrigações de aliança. Ele os ensinaria o caminho bom e certo. Qual é o caminho bom e certo? É o caminho da aliança. Esta atividade contínua de Samuel provaria ser de grande significado para Saul. À medida que Saul assume suas responsabilidades como rei, suas ações sempre estarão sujeitas ao escrutínio de Samuel, que não hesitará em repreendê-lo caso sua conduta se desvie dos regulamentos descritos na lei do rei (Deuteronômio 17) ou dos regulamentos da maneira do reino de 1 Samuel 10:25, da lei da aliança em geral, ou mesmo da palavra do Senhor dada por meio dele mesmo, de Samuel ou de algum outro profeta.

Mas ainda mais importante, a atividade contínua de Samuel estabelecerá um padrão que permanecerá válido para todos os futuros ocupantes do trono de Israel. Os reis em Israel deste momento em diante nunca possuiriam autoridade autônoma. Eles sempre seriam responsáveis perante os profetas que seguiram a linha de Samuel. Em Atos 3, fala-se de Samuel como o primeiro entre a sucessão de profetas.

No versículo 24, Samuel descreve como o povo poderia andar naquele caminho bom e certo. Ele diz: "Temei ao Senhor, servi-o fielmente de todo o vosso coração. Considerai as grandes coisas que ele fez por vós." Assim como Josué antes dele em Josué 24, Samuel enquadrava o cerne das obrigações da aliança de Israel em palavras que exigiam lealdade completa a Javé, uma lealdade nascida da gratidão sincera pelas grandes coisas que ele havia feito por eles. Essas grandes coisas incluíam as provisões do Senhor para seu povo que Samuel havia resumido anteriormente no capítulo no versículo 8 e no seguinte, mas também incluíam a vitória mais recente sobre os amonitas, a entrega de um rei apesar da pecaminosidade do pedido do povo, o envio do trovão e da chuva como um

sinal da preocupação do Senhor pelo bem-estar do povo . Certamente o Senhor havia sido gracioso e fiel ao seu povo. A obrigação deles era lealdade completa e total a ele em gratidão por tudo o que ele havia feito por eles.

Samuel concluiu a assembleia alertando o povo de que a persistência em se afastar do Senhor levaria, em última análise, à destruição da nação e de seu rei. Este capítulo foi tratado com mais detalhes do que alguns outros em Primeiro e Segundo Samuel por causa de seu significado fundamental, não apenas nos livros de Samuel, mas em toda a Bíblia. As questões abordadas neste capítulo definem o curso para o fluxo da história redentora ao longo do restante do Antigo Testamento para o Novo Testamento e, nesse caso, todo o caminho para o *eschaton* . A razão para isso é que este capítulo nos fala sobre a inauguração sobre a realeza em Israel. A realeza em Israel era distintamente diferente da realeza em qualquer outra nação, porque era uma realeza de aliança. Ou seja, foi projetada para ser um instrumento do governo do Senhor sobre seu povo. A realeza desempenha um papel central no fluxo contínuo da história redentora por causa de sua estreita ligação com a expectativa messiânica e a promessa dada a Davi em 2 Samuel de que sua dinastia duraria para sempre. Quando os reis de Israel falharam em viver de acordo com o ideal da aliança, os profetas começaram a falar de um rei humano divino que, algum dia no futuro, estabeleceria paz e justiça na Terra.

O Novo Testamento registra a vinda inicial deste rei ao seu povo, e a pessoa de Jesus, o profeta de Nazaré. Em seu nascimento, e durante seu ministério de ensino, Jesus foi reconhecido e afirmado como o filho de Davi. Pouco antes de sua crucificação, ele entrou em Jerusalém montado em um jumento para proclamar publicamente que ele era aquele que os profetas haviam dito que um dia se sentaria no trono de Davi. Posteriormente, ele afirmou perante o Sinédrio que ele era o Messias, embora em seu primeiro advento, sua missão principal fosse vir no papel do servo sofredor que faria expiação pelos pecados de seu povo. A igreja primitiva entendeu claramente que Jesus era de fato o Messias prometido nas escrituras do Antigo Testamento, e os apóstolos foram cuidadosos em explicar por que Jesus foi crucificado, ressuscitado e ascendido ao

céu. Tanto Jesus quanto os apóstolos falaram de um dia futuro quando Jesus retornaria e restauraria todas as coisas. No último livro da Bíblia, a vinda da figura real da casa de Davi, Apocalipse 22:16, foi retratada em toda a plenitude e glória da expectativa messiânica dos profetas do Antigo Testamento.

Então, ao retornarmos à nossa discussão sobre Primeiro e Segundo Samuel, o impressionante é que o reinado de Saul, o primeiro rei humano de Israel, provou ser um fracasso, porque ele não viveu de acordo com os requisitos de seu ofício. Quando ele foi rejeitado como rei por causa de sua desobediência à palavra do Senhor, dada a ele através do profeta Samuel, ele foi substituído no trono por Davi, que foi caracterizado como "um homem segundo o coração de Deus". Davi recebeu então a promessa notável de que sua dinastia duraria para sempre (2 Samuel 7). Isso, no entanto, nos traz de volta ao tema da realeza e aliança e à observação de que a realeza praticada por Saul falhou em corresponder ao ideal da aliança. Consideraremos essa proposição em nossa próxima palestra.

Transcrito por: Shelby Linsey -Vaughn, Audra Sears, Alecia Colella , Ted Hildebrandt, Nathan Wolters ,
Josh Snell e editado por Maria Constantine
Editado por Ted Hildebrandt